



# XIV ANPED-CO

## XIV ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO CENTRO OESTE

3471 - Trabalho Completo - XIV ANPED-CO (2018)  
GT 09 - Trabalho e Educação e Movimentos Sociais

A CULTURA HIP HOP E A EDUCAÇÃO ESCOLAR: METODOLOGIAS PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS

Suelen Gonçalves dos Anjos - UnB - Universidade de Brasília

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

### Resumo

A periferia pode ser identificada por um conjunto de categorias, sujeitos e práticas culturais – com variações em cada território – que formam uma identidade periférica marcada pela relação com um centro urbano; pelas relações trabalhistas precarizadas, informais ou mesmo o desemprego, pouco acesso aos serviços público e outras questões próprias do sistema capitalista. Para o presente artigo interessa compreender como essas questões permeiam a constituição da identidade das e dos jovens, sua relação com a escola e a produção cultural, tendo por foco os elementos da cultura hip hop e, com isso, contribuir para pensar uma pedagogia para esses jovens nas classes de Educação de Jovens e Adultos (EJA). A reflexão parte de bases da educação popular freiriana para pensar as e os jovens como sujeitos históricos e socioculturais e na sua interação com a movimento hip hop como forma de acessar seus temas geradores.

Palavras chave: hip hop, EJA, juventudes, decolonialidade do saber

### A escola e a invenção das juventudes

Dizem que a sala de aula escolar pouco, ou muito pouco, mudou ao longo dos séculos, a centralidade na/no professora, a percepção da/do aluna como repositório de conhecimento, a hierarquia nessa relação, a disposição de todas no espaço. Não é, então, de se estranhar que essa estrutura pouco cative as estudantes da atualidade.

Paulo Freire analisa esse modelo, que ele irá chamar de Educação Bancária dizendo que nesse modelo: "o educador é o que o sabe, se os educandos são os que nada sabem, cabe àquele dar, entregar, levar, transmitir a seu saber aos segundos. Saber que deixa de ser de "experiência feito" para ser de experiência narrada ou transmitida." (FREIRE, 1984, p. 34)

Destacamos principalmente a diferença entre o papel da experiência, que na educação bancária é uma narrativa na escola e para o autor é uma das questão fundamental para diferenciar a educação bancária e a educação libertadora. Em poucos momentos no meu percurso escolar, o processo ensino-aprendizagem foi para além de narrativas.

Me lembro, quando criança, do pequeno projeto do feijão no algodão, como foi marcante, exatamente por ser uma experiência prática. Hoje, aliás, não é uma experiência tão simples, o agronegócio produz grãos estéreis, que não é capaz de produzir uma nova planta, mas isso é uma questão que não cabe discutir aqui.

Imagine-se, então, chegando em uma escola, crianças sentadas nas fileiras, professor/professora falando, um material didático produzido no sudeste, o que mais nos chamaria atenção? Certamente a cor da pele das/dos estudantes, a questão racial é fundante na compreensão da questão social brasileira.

Para aproximar a questão escolar e a racial, é preciso refletir sobre o acesso das populações negra a escola:

Estudos atuais que analisam as condições estruturais e pedagógicas das escolas públicas constataam que, dentre essas, aquelas situadas nas periferias urbanas apresentam piores condições, com estrutura pedagógica e material deficiente, reproduzindo a máxima: escola pobre para pobres e pretos. Importante pesquisa de Rosenberg (1987) identificou, na década de 1980, que os alunos negros estavam em piores escolas: a jornada era mais curta, a rotatividade dos professores mais frequente, o prédio escolar era deficiente! Tais elementos autorizam a afirmar a continuidade de uma lógica da oferta da educação institucionalizada na qual, seja pela interdição ou pela exclusão no processo de instrução/escolarização, os negros são o grupo social mais vulnerável (PASSOS, 2012, p. 141)

Somamos aqui já alguns elementos, a ausência da experiência na construção do conhecimento, a relação professor aluno horizontalizada, condições estruturais da escola, a exclusão racial na escola. Assim, já nos é possível refletir quem encontra-se nas salas da escola pública, seres cuja história é de colonização, escravização, higienismo, negação da escolarização e silenciamento.

Dayrell (2002), em seu trabalho com jovens componentes de grupos de Rap e do Funk das periferias de Belo Horizonte, registra um pouco da visão dos jovens sobre a escola:

A escola se realiza como uma provação, uma “chatice necessária” para um credencia-mento que tem um peso relativo no mercado de trabalho. Já para outros, a experiência escolar carrega um sentido negativo, contribuindo para reproduzi-los na condição de subalternos: (...). Por que assim, quando eu era novo eu era muito complicado, ocê entendeu? Eu contestava muito, eu tenho um senso crítico muito grande comigo mesmo. Então a escola nunca aguçou esse lado meu, entendeu? A professora falava lá, eu não gostava desses papos lá... eu sempre contestando o que ela falava. Sempre batendo de contra, pelo menos o que eu achava. Ignorando, também, o lado da ignorância minha. Eu queria mais era brincar, e sempre caía na turma dos mais bagunceiros. Ah, sei lá, escola pra mim era um saco. Resumindo, era um saco mesmo, era muita pouca coisa de escola que eu gostava mesmo... (João, 21 anos, rapper) (DAYRELL, 2002)

A educação, como outras instituições sociais, é dialética a realidade, os estudantes e professores das escolas públicas são também sujeitos construtores da realidade, que em sua formação possuem marcas da tradição oral, da resistência, da luta por liberdade e reconhecimento do seu papel na história e na sociedade.

Esse movimento de opressão e resistência é parte do conjunto de conteúdos para a escolha dos temas geradores para o processo educacional, para escolha de conteúdo e forma de como lhes ensinar.

## **O hip hop e as juventudes**

O que as experiências das juventudes contemporâneas tem a oferecer à educação? É possível pensar que a cultura hip hop nas periferias, embora não apenas nelas, possa ter acumulado um conjunto de reflexões, práticas, metodologias e ferramentas que dialoguem com as juventudes e que esse acúmulo possa ser aplicado à pedagogia?

N história do Movimento Hip Hop, para além das linguagens artísticas (rap, break, grafite e o DJ). Há um conjunto de tema que compõe a ação: o mundo do trabalho, o direito à cidade, o direito à memória e a construção de autonomia.

Nas periferias constatamos uma efervescência cultural protagonizada por parcelas dos setores juvenis. Ao contrário da imagem socialmente criada a respeito dos jovens pobres, quase sempre associada à violência e à marginalidade, eles também se posicionam como produtores culturais. Entre eles, a música é o produto cultural mais consumido e em torno dela criam seus grupos musicais de estilos diversos, dentre eles o rap e o funk. Nesses grupos estabelecem trocas, experimentam, divertem-se, produzem, sonham, enfim, vivem determinado modo de ser jovem. (Dayrell, 2002, p. 23)

Antes que essas questões possam ser aprofundadas, acredito que seja necessário definir juventude, pois o conceito transcende os limites etários mais comumente associados à categoria. Acredito, ainda,

que o componente classe é essencial para pensar as juventudes, se, em determinadas classes, a juventude pode ser dilatada pelo ingresso na universidade, em outras, ela pode ser abreviada pelo ingresso no mundo do trabalho e as responsabilidades familiares assumidas por esses indivíduos. Contudo, não me parece possível abandonar, em absoluto, a questão etária que norteia projeções, ideais, um imaginário - diverso a cada classe -, mas ainda existente sobre a juventude.

E escolho pensar a juventude de classe, pois os “jovens pobres, vivenciam formas frágeis e insuficientes de inclusão num contexto de uma nova desigualdade social: a nova desigualdade que implica o esgotamento das possibilidades de mobilidade social, para a maioria da população (...) o trabalho não oferece mais um tipo de regulação da sociedade, a escola não cumpre a função de moralização e mobilidade social e novos modelos ainda não estão delineados” (DAYRELL, 2002 p. 6. apud).

A escolha passa pela questão de classe pela centralidade do trabalho na vida, ou imaginário de futuro e em muitos casos o próprio Hip Hop passa a compor o que a/o jovem deseja para sua vida profissional e isso passa a compor fortemente seu diálogo com a realidade a sua volta.

## Hip Hop e a produção de conhecimento

A construção do conhecimento ocidentalizado se dá exterminando outros conhecimentos, Grosfoguel (20016) utiliza o conceito de Epistemicídio criado por Boaventura de Souza Santos para descrever esse movimento histórico. Em uma revisão sobre o tema, o autor afirma que:

A inferiorização dos conhecimentos produzidos por homens e mulheres de todo o planeta (incluindo as mulheres ocidentais) tem dotado os homens ocidentais do privilégio epistêmico de definir o que é verdade, o que é a realidade e o que é melhor para os demais. Essa legitimidade e esse monopólio do conhecimento dos homens ocidentais tem gerado estruturas e instituições que produzem o racismo/sexismo epistêmico, desqualificando outros conhecimentos e outras vozes críticas frente aos projetos imperiais/coloniais/patriarcais que regem o sistema-mundo. (Grosfoguel, 2016, p. 25).

Assim, o modelo educacional tem sido resultado desse mesmo fazer acadêmico excludente e colonizador. Uma colonialidade que transcende o que a historiografia tradicional demarca como tal, é preciso pensar que as escolas em que estudamos, em que lecionamos, (re)produzem a colonialidade. Não cabe neste espaço outras formas de pensar o mundo.

Não nós é possível pensar a escola sem discutir a academia, pois a formação inicial dos professores, as teorias educacionais e as políticas públicas de educação passam, são gestadas nesse espaço. E o que funda essa colonialidade, conforme afirma Grosfoguel (2016), é que “este domínio também criou um novo imaginário e uma nova hierarquia racial”.

A primeira categoria que vamos trabalhar é a da Cultura Hip Hop. O movimento cultural é formado por quatro elementos, sendo eles: o MC –o Rap e o *freestyle*, que compõem parte da musicalidade; o break – as danças de rua; o grafite – a arte plástica; e o DJ – um tipo de musicista que completa a musicalidade.

Embora o hip hop seja comumente ligado à história estadunidense, o movimento tem início na América central, como nos conta o Rapper brasileiro Markão Aborígene:

Já no século XX, o povo jamaicano passa a lutar por independência, pois ainda era considerada colônia inglesa. É importante resgatar esta história para compreendermos as lutas, o contexto e as pessoas que atuaram e possibilitaram o surgimento do Rap. Neste contexto de luta por soberania VS dominação inglesa o Rap surge, mas é importante ressaltar o grande valor que as músicas populares jamaicanas carregam. Basta olharmos para o Ska, Reggae, etc. e o conteúdo das letras. Ao ouvirmos Prince Buster, nos deparamos com músicas alegres, mas também identificamos conteúdos políticos, discursos e protesto, por exemplo, em e Judge Dread, onde num aparente diálogo com o europeu opressor diz: “Vocês roubam as escolas das crianças... casa das pessoas. Você atirou em pessoas negras”. Na década de 50 há a febre dos Sound Systems [sistemas de som], sobretudo nas regiões mais pobres, onde as pessoas não tinham acesso à rádio, por exemplo. Paredões de caixa de som, DJ's e Toaster's [toasting] passam a animar as pessoas em festas populares (ABORIGENE, 2016, p. 18).

Essa história é a razão de aproximar tanto as juventudes periféricas do movimento hip hop, pois, como na Jamaica, o acesso às formas de fazer e vivenciar a cultura lhes são negados. E o silêncio é uma condição que irão enfrentar.

A história do Movimento hip hop é essencialmente uma forma de manifestar uma visão de mundo, uma forma das juventudes bradarem sobre suas questões. No entanto, é também uma forma de sistematizar conhecimento e de expressão por intermédio das linguagens artísticas.

Um dos passos mais famosos do *Break* é o Moinho de vento (fotografia abaixo), o movimento das pernas girando são uma alusão às hélices dos helicópteros que levam jovens à Guerra do Vietnã.



Foto: Suelen Gonçalves

A intencionalidade política no fazer artístico pode ser pensada como um caminho pedagógica? O moinho de vento é um exemplo de como a corporeidade, a dança, pode ser uma forma de expressar um elemento da conjuntura sócio-política, um momento histórico e o que desse momento toca esses sujeitos.

Aqui há uma necessidade mudança essencial na formação de professores, pois a academia referenda um conjunto de conteúdos, um fazer didático e uma forma de avaliar que afirmam uma forma de estar no mundo dos estudantes, para tal são necessárias mudanças.

Existe uma epistemologia hegemônica, para construir elementos de uma pedagogia para jovens faz-se necessário algumas rupturas com a lógica colonial. A proposta de uma educação decolonial é enfrentar o modelo colonial de construção e reprodução do conhecimento e que denuncie as diversas opressões do momento histórico.

The project of decoloniality is then a political and epistemic project to delink from modern colonial designs, whether political systems (like democracy or communism), neo-liberal policies, or Western epistemology (Mignolo, 2011), and to create alternatives or “decolonial turns” that reflect material and epistemic changes to the colonial matrix of power (Maldonado -Torres, 2011). Decoloniality seeks to dismantle modern colonial relations of power and create alternatives to the colonial matrix that has systematically denied the existence, knowledge, and way of life of colonized peoples. Similarly, for us, decolonial pedagogies necessarily entail the creation of deliberate strategies to disengage from the colonial matrix of power, particularly through musical expressions like hip-hop and nueva canción, expressions that problematize the discourse of modernity in the U.S., while unveiling the systems of racial, gender, economic, and epistemic injustice that Chicanas and Chicanos struggle against and seek to dismantle in the modern colonial world (CERVANTES; SALDAÑA, 2015, p. 90).

A possibilidade da relação entre o hip hop e a educação já é realidade em diversas pesquisas, Marco Antonio Cervantes e Lilliana Patricia Saldaña (2015) falam da possibilidade de, por intermédio do hip hop, os jovens manifestarem os problemas do ideal da modernidade não concretizado e das injustiças raciais e de gênero enfrentados por esses sujeitos

## **HIP HOP nas classes da EJA**

O campo da EJA tem se debruçado, entre outras questões, a refletir sobre “quem são os sujeitos da EJA?” Essa questão objetiva não apenas descrever as e os estudantes das classes, mas a compreensão de quem são permite pensar como construir uma proposta pedagógica que dialogue mais e que contribua no processo de emancipação desses sujeitos.

De acordo com as autoras Varga P. e Gomes M. 'Compreender os jovens e adultos analfabetos e/ou não escolarizados como sujeitos históricos, sociais e culturais, dotados de conhecimentos e experiências acumulados ao longo da vida, e que necessitam de intervenção de instituições culturais capazes de desencadear o desenvolvimento de suas potencialidades. São, portanto, não objetos depositários de conhecimento, mas sujeitos, capazes de construir conhecimento e aprendizagem". (GOMES; VARGAS, 2013, p. 451).

As autoras nos apresentam uma importante perspectiva: a característica dos sujeitos da EJA, sendo eles dotados de experiências e potencialidades culturais. Esse é o nosso ponto de partida. Contudo, não iremos refletir sobre personas “analfabetas ou não escolarizadas”, e, sim, sobre jovens do segundo e terceiro segmento da EJA, aqueles que, em sua maioria, acessaram o sistema regular de ensino, interromperam e/ou possuem distorção idade/série e retomam os estudos nas classes da EJA.

Jovens participam das batalhas de rua, sarau e encontros porque possuem necessidade de expressar suas reflexões sobre o mundo. Quando levamos atividades do hip hop para serem realizadas nas escolas, uma colocação comum entre as/os estudantes é a ausência de momentos de fala, que geralmente tem que ficar em silêncio ou só falar para responder.

Retoma o trabalho com rappers e funkeiros, realizado pelo professor Dayrell (2002), a fala de um estudante é similar ao que norteia a pesquisa:

Antes eu não gostava de da escola de jeito nenhum... Agora, tipo assim, eu tive que gostar porque é uma coisa que eu dependo dela, tipo assim, eu aprendi a gostar porque eu sei que preciso... mas se desse pra viver sem escola eu preferia viver sem escola... (Flavinho, 17 anos, funkeiro).

Da fala do Flávio, destaca-se que há para ele sentido para estar na escola, ao mesmo tempo ele gostaria de evitar esse ambiente. Ele percebe ao mesmo tempo a hostilidade e a necessidade da escola.

Propomos conhecer a forma em que esses jovens se expressão para tornar menos hostil esse ambiente escolar, uma vez que interaja com as suas diferentes habilidades: Do rapper, com habilidade musical, de métrica poética; do grafiteiro, para artes plásticas; do BBoy e da BGirl para dança, para corporeidade; do MC, com inteligência interpessoal.

## **Considerações Finais**

Pensar uma educação para a juventude exige uma pedagogia feita por jovens. É necessário, primeiro, reconhecer que jovens possuem inteligências, conhecimentos e que isso precisa realmente compor as ferramentas didáticas do repertório dos educadores. As turmas da EJA precisam lidar com uma diálogo geracional em que a cultura vivenciada pelas diferentes gerações são diferentes, acumulando e negando processos culturais.

Já dissemos que a cultura hip hop se alimenta da identidade cultural negra, as linguagens são extremamente conectadas e alimentadas pela história local, ao mesmo tempo pela história de vida dos indivíduos.

O professor é, então, convidado a ser mais tempo Mestre de Cerimônia - MC, que consiga animar

estudantes a partilharem com o grupo suas habilidades, mas provocam determinados assuntos, questões e conteúdos para possibilitar uma reflexão por intermédio de outras linguagens que não apenas a palavra escrita.

### Referências bibliográficas

ARROYO, Miguel. Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovem-adultos populares? Reveja n.1. 2007. Disponível em [www.reveja.com.br](http://www.reveja.com.br), acesso em Out./2007.

ABORIGENE, Markão. HIP HOP EM MIM: Diálogo sobre a origem sociopolítica dos elementos da cultura Hip Hop. Editora Poesia Coletiva, DF: 2016.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CEB nº. 11/2000. Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília: MEC, maio 2000.

CÉLIO, Turino. (Org.). Hip-hop A Lápis – A Literatura do Oprimido. SP: 2009.

CERVANTES, Marco Antonio; SALDAÑA Lilliana Patricia. *Hip hop and nueva canción as decolonial pedagogies of epistemic justice*. In: *Decolonization: Indigeneity, Education & Society*. Vol. 4, No. 1, 2015, pp. 84-108.

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude In: [Educação e Pesquisa](#). Educ. Pesqui. vol.28 no.1 São Paulo Jan./June 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022002000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100009)>

DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte*. 2001. São Paulo: USP. 2001. Disponível em: <<http://observatoriodajuventude.ufmg.br/publication/view/a-musica-entra-em-cena-o-rap-e-o-funk-na-socializacao-da-juventude-em-belo-horizonte/>>

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 12 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1984.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da Autonomia - saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GROSFUGUEL, Ramón. *A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI*. Soc. estado. vol.31 no.1 Brasília Jan./Apr. 2016

GOMES. Maria de F. C.; VARGAS. Patrícia G. Aprendizagens e desenvolvimento de jovens e adultos: novas práticas sociais, novos sentidos. Revista Educação e Pesquisa, vol. 39, nº 2, SP: Abril/Junho 2013, p. 449-463.

PASSOS, Joana C. As desigualdades na escolarização da população negra e a Educação de Jovens e Adultos. In: LAFFIN, Maria H. L. F. Educação de jovens e adultos e o mundo do trabalho. Ijuí: E. Ijuí, 2012.